AVEIRO, 14 DE OUTUBRO DE 1977 — ANO XXIV — N.º 1179

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 4$00

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Taboeira — Aveiro (Telefone 27157)

A FONTE DE BENESPERA

Ao abandono uma relíquia do século XVI

HONORINDA CERVEIRA

Quem possui, como eu, um espírito aberto à Descoberta permanente, ao Encontro inusitado com terras e gentes novas e desconhecidas, sofre, ao primeiro contacto com esta bela cidade de Aveiro, uma ligeira decepção. É que, sob o ponto de vista artístico, Aveiro padece de uma grande carência — a monumentalidade. Tudo nela é sóbrio, é modesto, é genuinamente português. Quem chegar aqui com a ideia de vir a encontrar frontarias monumentais nas suas igrejas, com o pensamento nas moles graníticas que desafiam as destruições erosivas do Tempo e dos vandalismos humanos; quem desembarcar na «cidade dos canais» com os olhos e a atenção virados para as grandes obras de Arte de fachadas arquitectonicamente sumptuosas — a esses será bom recomendar, logo à chegada, que refaçam as malas e partam quanto antes. O convento de Jesus não é Alcobaça — e, no entanto, foi residência de uma Princesa, filha e irmã de dois grandes reis, e que pela sua virtude e bondade subiu aos altares; nem S. Domingos poderá ter sido uma apagada sombra dos belos conventos que o gótico nos deixou — mas tem, diante do seu portal, uma preciosidade artística do século XV, peça única no País que justifica, só por esse facto, a sua inclusão no rol dos Monumentos Nacionais: o famoso cruzeiro gótico-manuelino de S. Domingos.

Portanto, não se procure em Aveiro a monumentalidade que não possui; mas não se esqueça

Continua na pág. 2

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XII

Findas que foram as marinhas por altura da festa da Senhora das Febres (8 de Setembro), os marnotos, depois de arrumadas as alfaias, entendiam que eram chegadas as suas férias e, não faltando às festas da Costa Nova e da Barra iam até à festa da Senhora das Areias, em S. Jacinto que, como já dissemos, se realiza no primeiro Domingo de Outubro.

E terminavam as marinhas naquela altura porque, se durante a safra se tinha feito muito sal ou se, na ria, havia muito proveniente dos anos anteriores, aos marmotos não interessava continuar com o trabalho, e abandonavam-nas, tanto mais que o contrato com os moços findava naquela data; se, porém, a safra tinha sido de pouco rendimento, os marnotos tentavam aproveitar o tempo favorável para fazer mais algum; porém, os moços não estavam de acordo com o alargamento do prazo do seu ajuste e eram eles que iam, de noite, procurar pôr as marinhas no fundo, apesar dos marnotos irem dormir para os palheiros a fim de evitar tal procedimento.

Apesar desta vigilância, as marinhas iam aparecendo alagadas...

A festa da Senhora das

Continua na 3.ª página

Litoral

Com a presente edição, entra o *Litoral* no seu vigésimo quarto ano de vida, tendo completado rigorosamente vinte e três anos no pretérito domingo, dia 9.

No limiar de um novo ano de existência, cumpre-nos renovar os nossos agradecimentos a quantos, tão generosamente, têm garantido a vida do jornal: aos colaboradores, aos leitores, aos anunciantes e a todos os demais que lhe têm testemunhado a sua simpatia.

MASSENA - BUSSACO - BOIALVO

ou "A monobra de Boialvo"

JORGE MENDES LEAL

O experimentado e hábil André Massena, mais tarde duque de Rivoli (onde Bonaparte o crismou de «filho querido da vitória», dizem as más línguas injustamente, já que o triunfo se deve a cinco meteóricas cargas de cavalaria com que Murat finalizou a batalha) terá sido, malgré tout, incluindo o seu ar hodierno de general de gabinete, o mais notável e versátil cabo de guerra daquele tempo. Depois de Napoleão, obviamente — mas antes de Wellington, Blucher, Mutusoff, Barclay de Tolly, o arquiduque Carlos, Davont, Wurmser, Bragation, Moreau (cito sem ordem rigorosamente crolonógica) Augereau, Marmont, Hoche, Lannes, Kleber, Souet — foi, sem dúvida, pelas suas concepções avançadas da estratégia que não excluiam, em momentos excepcionais, a coragem física tão patente e influidora em Essling, um preponderante general. Talvez incomunicável, talvez pouco acessível, decerto obstinado, possivelmente avaro, até mesmo ladravaz — mas um bem acabado guerreiro, dono duma subtil prudência que não excluía a necessária audácia.

Tal como — e Napoleão confessou-o em Santa-Helena — a França teria ganho Waterloo se o marechal Murat comandasse, em vez de Ney, a jovem cavalaria do Império, também é crível que, na Rússia, a sorte das armas seria bem diversa se estivesse lá o hermético, matemático, mas eficiente e contunaz marechal Massena.

Muita coisa se olvida. Ficam nos anais da história militar, contudo, jamais esquecidas por um Jomini ou um Klansevitz, as duas magistrais batalhas de Zunich — quando, com Bonaparte no Egipto, a Itália outra vez perdida, os realistas acesos, André Massena salva a França ainda republicana através dum golpe militar de trama e de talento: a 4 de Junho de 1799 bate fulgurantemente o arquiduque Carlos, em Zurique, e deixa-o, com os seus austríacos, evacuar a cidade, logo de pronto ocupada pelos Russos de Korsakov. Permite que o russo

Continua na 3.ª página

MARECHAL MASSENA

RESPOSTA À APOSTA

MÁRIO DA ROCHA

Há uns oito dias, ao debater aqui, partindo da referência a um caso concreto do nosso burgo, a democratização do ensino, eu acabei por enaltecer a coragem de três meus amigos, todos eles cidadãos progressistas. Acabaram, alguns, por ver no caso apenas o rodriguinho «familiar», para uns, apenas político, para outros.

Hoje, volto a estas páginas (onde, confesso, não me sinto muito bem, por variadas razões que não interessa aqui explanar), numa espécie de contraprova pública da minha honesta isenção.

Porque aqui, como afinal em tudo, o que mais me interessa é ir ao encontro da realidade. Descobri-la e enfrentá-la. E levar comigo os outros que querem andar.

Há dias em amiga carta

Continua na 3.ª página

4 TEMPOS DE UMA CERTA RECUPERAÇÃO

Recado para Mário da Rocha, a propósito do seu NÃO MORRERAM 4 MOZARTS ASSASSINADOS

IDALÉCIO CAÇÃO

NÃO morreram mas ainda estão a tempo. É que há outras formas de assassínio mais nefandas, por ventura, do que aquelas de que falas. Porque mais subtis e torturosas, porque mais reptilíneas, Mário. Neste particular, o intendente Ramiro Bastos tem muitas e desvairadas soluções, manhas abstrusas, perfídias. E ele há tantos Ramiro Bastos, meu amigo... Os teus Mozarts passaram o obstáculo? Contra esta inevitabilidade, estamos falados. Mas nem por isso os intendentes desta Pátria ainda tão desamada irão desistir. Achas que vão, Mário? Outros meios de segregação existem que podem perpetuar o mesmo estatuto social de origem, a negação de novos direitos, a afronta. Os teus amigos quiseram estudar a desoras, penetrar para além da «proibida azul distância?» Óptimo. Mas agora a integração, se a intentam, terá de passar por malhas e teias estreitíssimas, onde entram à uma hábitos antigos de agressão cultural, insídias, esterquilínios inauditos, as esquírolas de pervertidas consciências. Então, é preciso impor-lhes as regras do feudo, minar-lhes a dignidade, obstruí-los. Que não vá o sapateiro além da chinela, não é o que diz a sabedoria popular?

Um ex-preso político e

Continua na 3.ª página

PUBLICIDADE

COMUNICADO

DOS DESENHADORES E TOPÓGRAFOS DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DA JUNTA DISTRITAL

1 — INTRODUÇÃO

No decurso das últimas semanas a imprensa diária e regional tem vindo a inserir com títulos de caixa alta, extractos e referências ao Relatório da Gerência (1976), da Junta Distrital de Aveiro, escrito em Maio deste ano e revelado ao público em Agosto.

A circunstância de nesse relatório serem feitas afirmações que atingem a dignidade de trabalhadores probos e dedicados à função e dos órgãos de comunicação social se terem mostrado propensos somente a rebuscar do relatório a superficialidade das considerações e conclusões que estão baseadas em premissa errada, obriga os signatários, desenhadores e topógrafos dos Serviços Técnicos da J. D. A., a emitirem este comunicado ao abrigo do direito de defesa e de esclarecimento da opinião pública.

2 — A VERDADE OMITIDA NO RELATÓRIO

Importa, pois, repor a verdade e exarar um protesto pela forma como nesse Relatório de Gerência se tentou iludir a realidade e processou a inversão de valores: minimizando o trabalho, a diligência e dedicação dalguns trabalhadores e se ignorou a improdutividade, desinteresse e indisciplina doutros.

Por omissão no primeiro caso e extensão no segundo, afirmou-se: «alheamento notório por parte de todos *e cada um* na execução das respectivas tarefas de que resulta fraca produtividade dos serviços» (o sublinhado é nosso).

Esta afirmação é ofensiva para certos trabalhadores e os signatários, pelo respeito que devem a si próprios não a admitem.

Por maior que seja o poder da individualidade que a subscreveu não lhe assiste o direito de jogar a seu bel-prazer com a dignidade pessoal de quem provou ter executado um trabalho sério e profícuo, expresso inequivocamente nos relatórios elaborados e transcritos no Relatório da Gerência e se mostrou empenhando na valorização dos serviços, não se poupando a esforços e diligências nesse sentido.

Será de elementar justiça dizer-se que, se nos S.T. da Junta Distrital de Aveiro existem trabalhadores que negligenciam os seus deveres e que pela sua inexperiência, ou incompetência, ou indisciplina estão desajustados à função e tem irremediavelmente comprometido a imagem e o prestígio do departamento, ambém há, em contrapartida, os que por brio profissional e espírito de bem servir se dedicam esforçadamente às tarefas que lhes incumbem e, não raro, as transcendem — e que por múltiplas ocasiões nessas actividades oficiais voluntariamente consumiram muitas horas extraordinárias e bastantes sábados e domingos, privando-se a si próprios e aos seus familiares dos momentos de convívio e ócio a que tinham e têm direito.

Ma o que é insuportável e nos suscita um grito de indignação é pretender-se meter todos os trabalhadores no mesmo «saco» da incúria de que fala o relatório.

3 — SINDICÂNCIA AOS SERVIÇOS DA J. D. A.

Constitui uma meia-verdade a notícia veiculada na imprensa segundo a qual «vai ser feita uma sondicância nos serviços da Junta Distrital».

Verdadeiramente a sindicância à Junta Distrital ordenada pelo Governador Civil ao tempo (Março de 1975) em exercício, Dr. Neto Brandão, conforme foi do domínio público e a pretexto das queixas apresentadas por trabalhadores relativamente ao Chefe da Secretaria.

Posteriormente, em Fevereiro de 1976, foi ainda o Dr. Neto Brandão quem determinou inquérito específico aos S.T., na sequência de participações de grave sfaltas disciplinares e do plenário que ficou assinalado pela descompostura de gestos e desmandos de linguagem dum funcionário que se situa em lugar destacado na chamada «hierarquias das competências».

Já na vigência do mandato do actual Gestor, os signatários insistiram frequentemente pela concretização do inquérito que apurasse causas e responsabilidades.

Portanto, não é correcto e falseia os dados do problema dizer-se que «vai ser feito um inquérito ao S.T. da J.D.A.». O inquérito está há muito tempo para ser feito e a sua dilação não prossegue a consumação da Justiça (e na Junta Distrital já existe, neste domínio, uma deplorável experiência).

Mas o inquérito (faça-se ou não) está longe de constituir panaceia para os males existentes. Tão pouco poderá servir de desculpa à manutenção do «statu quo», à benevolência dispensada a faltas e inoperâncias e à protecção dada a um restrito número de funcionários, avultando a que é insistentemente concedida ao Eng.º Adjunto (imposto na função de forma prepotente) quiçá, por conotação partidária — em contraponto à espada de Damocles permanentemente apontada à cabeça de topógrafos e desenhadores.

4 — INQUÉRITO E PROCESSO DISCIPLINAR AO CHEFE DA SECRETARIA

As referências feitas no Relatório da Gerência a algumas conclusões do relatório do processo disciplinar ao Chefe da Secretaria não nos merecem grandes comentários face à gritante evidência da cronologia dos factos que passamos a descrever:

a) O inquérito, aberto em Março de 1975, arrastou-se por um ano e meio.

Após instâncias sucessivas do M. A. I., do Governador Civil e de delegações de trabalhadores junto do inquiridor, este só o concluiu numa maratona de última hora imposta por determinação superior, que quase revestiu aspectos de ultimato.

b) Encaminhado o processo de inquérito, com as conclusões do inquiridor, ao M.A.I. mereceu de quem de direito um despacho determinando abertura de processo disciplinar e nomeando instrutor a pessoa que tinha sido encarregada do inquérito.

c) Desde a abertura do inquérito (Março de 1975 até à conclusão do processo disciplinar (fim do 1.º trimestre de 1977) contam-se dois anos.

d) Anota-se que se a um inquérito é dado um despacho instaurando processo disciplinar é por que a entidade competente reconhece haver matéria delituosa ou criminal; caso contrário, o processo de inquérito é «mandado arquivar por falta de provas».

e) Refira-se que jamais foi feito qualquer acareação entre as testemunhas cujas declarações se contradisseram.

f) Não foram ouvidas algumas testemunhas importantes ao apuramento dos factos.

Por agora não valerá a pena ir mais longe no descritivo e regista-se a nossa esperança e determinação de ser decifrado o mistério de todo este processo e de se conseguir a Justiça.

5 — OS RELATÓRIOS DOS ARQUITECTOS QUE NÃO FORAM PUBLICADOS NO RELATÓRIO DA GERÊNCIA

Parafraseando o relatório «o que muito admira espantando até» é que:

a) Os relatórios elaborados pelos três arquitectos não figurem no relatório.

b) Se houvesse escrito a enormidade: «que não tenham sido chamados, também, a relatar».

Ora era do conhecimento geral que cada arquitecto fizera e entregara o se urelatório. Num contexto em que todos os técnicos apresentaram relatórios, a registar-se a falta de alguns impunha-se (se houvesse interesse e leal colaboração) uma simples pergunta pelo telefone interno e estamos convictos de que rapidamente o assunto ficaria esclarecido e os ditos seriam, de imediato, encaminhados. Se eles não chegaram ao seu destino por que não se procedeu assim? E por que se fez intempestivamente o reparo em termos de acintosa interrogação?

Acrescentaremos que lamentavelmente não foram transcritos e teriam ajudado a completar o quadro de forma elucidativa.

6 — SOLIDARIEDADE COM O ENGENHEIRO - DIRECTOR

Interessa assinalar a significativa cerimónia — já referenciada nalguns órgãos da imprensa — que teve lugar no dia quatro do corrente mês, no gabinete da chefia dos serviços e durante a qual os desenhadores e topógrafos (quatorze trabalhadores), em serviço nesse dia, manifestaram a sua solidariedade com o Director dos Serviços Técnicos e repudiaram as considerações e conclusões do Relatório da Gerência, no tocante aos Serviços Técnicos.

Quere isto expressar que aqueles trabalhadores não aceitam o «bode expiatório» que foi apontado.

7 — DESFAZENDO UM EQUÍVOCO

Há um equívoco que se está cultivando junto da opinião pública e que é necessário desfazer.

A situação dos Serviços Técnicos da Junta Distrital de Aveiro, caracterizada pela indisciplina de certos funcionários mas, sobretudo, pela fraca produtividade e baixa qualidade de alguns estudos e projectos neles elaborados, não é um caso único e terá similitude com as situações de serviços semelhantes de outras juntas distritais e, até, de muitos departamentos públicos.

Ela tem o seu maior fundamento não só nas lacunas e deficiências das leis que regem a orgânica dos serviços e as modalidades de recrutamento e admissão dos quadros técnicos mas ,também, na degradação atingida na Função Pública por razões conhecidas que não é possível enumerar neste comunicado qu ejá vai longo.

O que acontece na Junta Distrital de Aveiro é que por um conjunto de circunstâncias que se acumularam e pela recusa das responsabilidades de quem tem o seu atributo, os maus resultados serão, porventura mais evidentes.

8 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente e não podendo focar todos os aspectos da situação dos S.T. e do Relatório da Gerência, resta-nos apelar para as pessoas dotada sde bom senso e isentas no sentido de e debruçarem obre aquele documento — repositório doutros documentos — e fazerem a única leitura lógica possível, através da qual detectarão as sombras do quadro e as muitas contradições existentes nas considerações e conclusões e entre estas e a realidade incontestavelmente expressa nos relatórios dos técnicos e sectores.

E o fazer esta leitura corresponderá a uma «radiografia» que, a todo o tempo, haveremos de concretizar.

Por agora quem quiser e souber «ler» aí encontrará as pistas que conduzirão às raízes dos problemas e aos motivos duma situação que ao cidadão comum aparece muito nebulosa — situação que a partir do último trimestre de 1976 se deteriorou gravemente e nos dias que correm atingiu o estádio do paroxismo.

Aveiro, 22 de Setembro de 1977.

(seguem-se 14 assinaturas)

P.S. — No interesse público invitamos o Excelentíssimo Senhor Gestor da Junta Distrital a que no próximo número da revista «AVEIRO E O SEU DISTRITO», editada pela JDA publique na íntegra: o Relatório da Gerência (1976), incluindo os três relatórios dos arquitectos (em falta) e o presente comunicado.

A divulgação deste comunicado é feita após ter sido enviado um exemplar pelo correio, sob registo, ao Excelentíssimo Senhor Gestor da Junta Distrital de Aveiro.

Resposta á Aposta

Continuação da 1.ª página

de muita camaradagem, que muito estimei e estimo, o meu Amigo Dr. Álvaro Seiça Neves chamava-me «professor primário» da vida cultural da nossa cidade. Não sei se de facto o sou. Tal como eu o quero, não. Mas sei que não quero outra coisa. Que maior tarefa do que ser pedagogo numa cidade? Que missão mais divina do que esta de pensar alto com todos, para levar consigo alguns a pensarem também?...

Pois, se ontem enaltecia três amigos meus conhecidos progressistas, hoje atrevo-me a vir «chamar à pedra» outro conhecido progressista, a quem já dei muita vasão a escritos seus, embora o não conheça pessoalmente...

Contou ele no Litoral de há dias uma anedota que intitulou APOSTA.

Ora, em primeiro lugar, gostaria de dizer a todos que a educação política ou o simples esclarecimento público jamais se fazem ou alcançam com anedotas, embora engenhosas ou bem apanhadas. A não ser que queiramos continuar a ser todos uma grande anedota...

Em segundo lugar, eu gostaria de chamar a atenção dos progressistas para que vissem bem que a conquista do poder é uma questão ética de serviço público. Brecht escreveu um dia que «as coisas pertencem a quem as torne melhores». Aqui está uma palavra liminar, para todos os homens públicos honestos.

Pois a contrapor à anedota do meu Amigo Viriato Teles, eu atrevo-me a contar um caso, infelizmente, muito real e bem recente ainda.

Filipe Rocha é, para mim, sem dúvida alguma, o homem mais cientificamente culto de toda a Aveiro. Invulgar carreira académica, mas não só... Filipe Rocha continua a crescer incessantemente. Aveiro já não o comporta. Os seus estudos cirbenéticos são para serem lidos amanhã.

Mas eu não quero, hoje, falar dele. Embora queira contar um caso que com ele ocorreu.

Poucos dias após o 25 de Abril, Filipe Rocha foi falar a Águeda ao CEFAS. No fim, houve colóquio. Pois às tantas, um senhor da assembleia atirou a seguinte pergunta: Você é comunista? (sic).

Filipe Rocha começou a responder. Mas parecendo-lhe que as suas palavras não eram a resposta que ele queria ao fazer aquela pergunta, eis que o tal senhor voltou à carga: Mas Você é ou não é comunista?

E Filipe Rocha disse mais ou menos:

Se se entender por comunismo a luta por uma sociedade mais fraterna e mais justa, eu sou comunista. Mas se se quiser que, por comunismo, se entenda uma determinada filosofia fechada, hermética e fixista (as palavras de Filipe Rocha aqui terão sido mais rigorosas, mais científicas!...), então eu não sou comunista.

Pois foi o suficiente. O tal senhor logo o fulminou: «Pois então, Você é das primeiras pessoas a abater (sic) amanhã. Você é um homem muito perigoso para nós. Porque sabe demais».

Não comento. Não quero comentar nada. As conclusões, múltiplas, estão à vista.

Quero apenas acrescentar, já agora, um pequeno caso ocorrido comigo, então director do ILHAVENSE.

Auareceu-me lá um moço colaborador. Nunca lhe perguntei o que era politicamente. Mas por aquilo que escrevia, pela sua fúria e não sei que mais, vi bem que era um progressista do 26 de Abril, perfeitamente integrado na corrente política de «certo» partido. Fez-se, como muitos, o novo patrão da quinta. E eu nunca lhe fiz qualquer censura. E prometeu-me publicamente a expulsão.

Ora eu acabei, de facto, por ser expulso. Mas pela reacção...

Moralidade, a concluir, de todas estas histórias: SÓ UMA LUTA PELO PODER É JUSTA — A QUE COMEÇA E ACABA POR FAZER DO GOVERNO UM ACTO DE SERVIR...

Mário da Rocha

P.S. — Esqueceu-me deste pormenor: Filipe Rocha, em determinada altura, perguntou também ele: «Mas, afinal, quem é o senhor? Que tem feito pela democracia? Eu sei-lhe o nome, mas não o conheço. Eu, por mim, não fiz, antes de 25 de Abril, tudo quanto podia e, digo-o sinceramente, não fiz tudo quanto devia. Mas trabalhei muito de noite, com trabalhadores. Andei por fábricas. Esclareci muito. Divulguei, o mais que podia, o direito à greve. A PIDE inquiriu-me. Etc.! E que fez o senhor, pelos trabalhadores?».

O silêncio fez-se. Total! E todo o Mundo ali, no CEFAS, entendeu — TUDO!!!

Mário da Rocha

Não morreram 4 Mozarts assassinados

Continuação da primeira página

dois escriturários ousaram entrar na Universidade. Tu sabes o que isto contém de subversivo, Mário? Ademais, sem uma cobertura ilustre por detrás, sem uma ressonância de nome de família, sem nada. Assim procederam esses teus amigos. Isto de doutores é perigoso ficar ao alcance do filho de um operário ou de um camponês. Tu sabias, Mário, que a mãe de um dos teus Mozarts é absolutamente analfabeta? Isto é um desequilíbrio para aquela harmonia fundamentada na consuetudinaríssima lei «mãe analfabeta, filho analfabeto; pai doutor, filho doutor», não achas? Referiste o caso da empregada doméstica e a incomodidade suscitada ao perguntares por que razão ela não tem acesso à Universidade. Essas perguntas não se fazem, amigo. E supondo que tinha? No final do seu curso, era mais que provável ter a condicioná-la o ferrete da sua condição antiga, teria de avir-se com as engrenagens desta sociedade classista que não admite intrusões. Admiras-te? Um caso conheço, semelhante, em que um Mozart passou o primeiro escolho, e que agora, no crivo derradeiro, se vê coarctado, comprimido, imponente quase, ante as «malhas que o império tece». E isto, sabe-lo bem, é uma forma iníqua e vil de assassínio.

Por isso, Mário, este desabafo (ou desespero?). Que é, simultaneamente, a gratidão de tantos Mozarts degolados e a degolar, pela tua fraternidade, pela réstia de sol que escreveste.

Idalécio Cação

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

Areias, como, aliás, todas as das nossas redondezas, durava três dias: de sábado até segunda-feira, sendo o primeiro daqueles dias o da véspera (ou noitada), e o último o das cavalhadas que também era conhecido pelo do enterro dos ossos.

E estou a recordar-me que o comandante francês, da base aérea naval de S. Jacinto, quando, às segundasfeiras verificava a falta de pessoal trabalhador nas obras que, sempre, tinha em curso, perguntava ao mestre António Augusto pela razão daquelas faltas; e, como o mestre lhe respondia que tinham ficado em casa por que havia festa na sua terra, o comandante desabafava: *Toujours fête... toujours fête...*

As gentes da beira-mar preparavam as bateiras com os géneros necessários à sua alimentação, com a bateria de cozinha para preparar as refeições, as esteiras de bunho para se deitarem e as mantas para se cobrirem e lá iam de abalada para S. Jacinto, aboletando-se nos palheiros dos mercanteis amigos, onde, à noite, dormiam de lavada.

E não se esqueciam de reforçar a dose dos alimentos pois sabiam pela prática, que neste meio tempo, podia levantar-se vendaval que não permitisse fazer, com segurança, a travessia da cale e, por conseguinte, impediria o regresso a Aveiro, durante o tempo que o vendaval durasse.

Na festa da Senhora das Areias também apareciam, com os seus barcos e bateiras, ranchos da Murtosa e do Bunheiro os quais, normalmente, se faziam acompanhar de violas e acordeons, nos quais tocavam de manhã até à noite, não só nos bailaricos da sua gente, que, durante o dia, não parava de dançar, como, também, à noite, se prestavam a «abrilhantar», os bailes organizados pela rapaziada nova — e a idosa, também — à luz dos fantoches candeeiros de petróleo, nos diversos palheiros por onde estavam aboletados, com a colaboração de *ternos* de música que havia feito a festa.

Tirando a parte religiosa da festa — à qual toda a gente assistia com respeito e devoção — a festa da Senhora das Areias era uma contínua pândega com comes e bebes, danças e brincadeira: toda a gente se divertia à larga e à farta.

E nem o facto de terem de ficar, forçadamente, em S. Jacinto, mais uns dias, os aborrecia, pois tudo isso estava previsto e o descanso em que estavam era bem merecido.

E já agora, e a propósito das dificuldades de ligação não só entre Aveiro e S. Jacinto, como, também com a Barra e Costa Nova, há que lembrar que, quando o grande aveirense, José Estêvão, pedia, por Lisboa, a construção de uma estrada que ligasse Aveiro à Costa, passando pela Gafanha e pela Barra, apesar da sua influência pessoal, ninguém o atendia, com a alegação de que se tratava de uma estrada de interesse pessoal, para acesso ao seu palheiro da Costa.

Porém, um dia, conseguiu trazer um grupo de deputados dos mais refilões para, por si próprios, verificarem daquela necessidade.

Embarcados num saleiro, começou a viagem com um tempo regular; no entretanto, levantou-se um ventinho que, a pouco e pouco, aumentou e fez com que na ria, as marolas aumentassem e o barco se movimentasse, isto é, baloiçasse; e, quando os viajantes já mostravam medo, ele sossegou-os dizendo-lhes que, se tivessem ido de bateira seria muito pior.

O tempo foi piorando e, quando já iam ao largo da cale, começaram a faiscar, ao longe, uns relâmpagos e a atmosfera a mostrar sinais de que a trovoada se aproximava; e, enquanto os convidados, cheios de medo, pediam que regressassem, José Estêvão esfregava as mãos de contente e afirmava que este tempo havia sido encomendado por si.

Ao longe, na cale, muito afastados da terra firme, com o barco a baloiçar e a trovoada a ribombar, os deputados rogavam que voltassem para Aveiro, negando-se José Estêvão a fazê-lo salvo se, ali mesmo, eles dessem a sua palavra de que estavam convencidos da necessidade de se construir a estrada e de que defenderiam, perante as instâncias superiores, essa construção que eles verificaram ser de necessidade absoluta.

E se o prometeram, bem o fizeram e, quando os seus colegas os censuravam pela sua mudança de atitude, respondiam: vão lá vocês ver, mas em dia encomendado por ele... e, então, dar-lhe-ão tudo o que ele vos pedir ou exigir.

J. Evangelista de Campos

Massena - Bussaco - Boialvo

Continuação da primeira página

se instale, dá tempo a que o austríaco se retire para bem longe. Então, a 29 de Setembro, cai refeitamente sobre Korsakov, arrasa-o — e a França respira. O evento passa à História, realmente, como «as duas batalhas de Zurich».

A sua pertinácia um tanto sombria, a sua minúcia, os seus cuidados logísticos, o zelo e firmeza na condução dos homens, bem cedo lhe asseguraram o respeito e a consideração do Imperador, que — conquanto um general diferente, com inesperadas e únicas cintilâncias de génio — apreciava a meticulosidade ardilosa e enérgica do herói de Génova, Caldiero, Rivoli, Zurich, Wagram, Essling. Daí que, de algum modo confuso com as estranhas guerras da Península (tão heterodoxas face à duma Europa relativamente civilizada...), cometesse a Massena a missão de, finalmente, submeter Portugal e jugular de vez a incómoda ajuda britânica, consubstanciada nas rigorosas legiões de Sir Arthur Wellesley. Não o surpreendera muito a ineficácia gaiata de Junot, mas dera-lhe que pensar a inoperância do grande Soult, duque da Dalmácia, que tão fluente e agressivamente dirigira o centro francês em Austerlitz.

Também a Massena não agradou o comando do exército de Portugal. Reputado como o mais brilhante estratega do exército imperial, machucava-o uma indefinível presciência do carácter «sui generis» — muito guerrilheiro, «apadralhado», insidioso — das lutas peninsulares. Por outro lado, antolhava-se-lhe difícil a obediência total dos dois lugares-tenentes que Napoleão lhe destinava: o vaidoso Junot, que exercera no nosso país funções de governador absoluto, e o indomável, terrífico, idolatrado Michel Ney, duque de Elchinger, conquistador do Tirol, marechal do Império por força dos seus atributos espantosos de intrepidez e arreganho, futuro príncipe de Moskowa — o «bravo dos bravos», que o terror branco dos Bourbons restaurados mandou fuzilar sujamente contra uma parede (e à paisana)...

Sobretudo, a presença de Ney perturbava Massena, que sentia escapar-se-lhe a qualidade absoluta de comandante em chefe. Junot escondia, debaixo duma valentia indesmentível, os complexos que cedo o vitimaram, essencialmente oriundos da sua fraqueza de estratega — debilidade que só muito problematicamente poderia ser assacada a Ney, tais eram as várias capacidades de general de «avant-garde» que luzidamente exibia nos mais sangrentos campos de batalha da Europa. Só a bravura louca e dizem que inigualável de Joachim Murat o tinha de enciumar um pouco, apesar de amigos de sempre e paladinos quase mágicos do Grande Exército. Os seis cavalos que, em Waterloo, morreram debaixo

Conclui na página 6

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	MODERNA
Sábado	ALA
Domingo	AVEIRENSE
Segunda	AVENIDA
Terça	SAUDE
Quarta	OUDINOT
Quinta	NETO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

CINEMA-ESTÚDIO EM CONSTRUÇÃO

Começaram já os trabalhos de construção para um amplo imóvel, no topo superior da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, que se destina à instalação de um cinema-estúdio, com capacidade para trezentos espectadores, e a um estabelecimento hoteleiro, de características residenciais.

Este disporá de 30 quartos com bons requisitos de conforto e funcionalidade, que normalmente deverão ser ocupados por pessoas que neles se mantenham um mínimo de uma semana.

Estes empreendimentos deverão começar a ser utilizados antes do termo do próximo ano de 1978.

ASSEMBLEIA DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO

A requerimento da respectiva Direcção, foi convocada para o próximo dia 28, pelas 21 horas, no Salão da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de S. João da Madeira, uma assembleia-geral extraordinária do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e do Comércio do Distrito de Aveiro.

Nos termos da Lei, a assembleia só poderá deliberar se estiverem presentes, no mínimo, 776 sócios.

VINHO PARA A COSTA DO MARFIM

Com um carregamento de dois milhões e quatrocentos mil litros, aprontou-se no Porto de Aveiro para seguir com vinho, para a Costa do Marfim e também para os Camarões, o navio «Nova Lisboa».

Transaccionado através das Caves Solar das Francesas, este vinho constitui mais uma das avultadas parcelas (perto de um sexto de um contrato) de fornecimento de 15 milhões de litros aos referidos países.

FESTAS DOS SANTOS MÁRTIRES

Iniciam-se no próximo sábado, 15, as tradicionais festas dos Santos Mártires, que na capela do bairro que lhes tomou o nome se veneram há mais de dois séculos.

No primeiro dia, além da salva de morteiros anunciadores do começo das festas, seguida do percorrer das ruas do bairo, e circunvizinhas, por um grupo de Zés P'reiras», haverá, pelas 21.30 h., no salão da sede da Banda Amizade — situada no aludido bairro — um baile, que terá a participação do conjunto «Splash».

No domingo, 16, haverá missa, solenizada, pelas 12 h. e arraiais, à tarde e à noite, com a colaboração dos conjuntos «Duarte Rocha» e «Top-5».

As festas terminarão na segunda-feira, 17, celebrando-se nova missa no pequeno templo, em sufrágio dos moradores do bairro falecidos, às 9 horas; havendo «cavalhadas» à tarde e um arraial de encerramento, à noite, com a cooperação do conjunto «Imperial de Vagos», que rematará com uma vistosa sessão de fogo de artifício.

MAIS 500 TONELADAS DE BACALHAU

Com destino à Comissão Reguladora de Bacalhau, começaram já a ser descarregadas mais 500 toneladas do «fiel-amigo», que chegaram ao porto de Aveiro a bordo do navio norueguês «Kapa-Frightep».

MOVIMENTO HOSPITALAR

Durante o mês de Agosto, deram entrada no Hospital Distrital de Aveiro 550 doentes, tendo saído, no decorrer do mesmo período, 555. A existência, no último dia daquele mês era de 237.

Banco de urgência—Consultas efectuadas, 3.194; pessoas tratadas, 1.657; *Banco de sangue* — Transfusões efectuadas, 112; de plasma, 6; *Operações* — Grande Cirurgia, 185; pequena cirurgia, 40; *Raios X* — Radiografias efectuadas, 1.955; sessões de fisioterapia, 2.377; *Análises Clínicas* — Análises efectuadas, 2.852; *Consultas Externas* — Visitas efectuadas, 854; *Partos* — Bebés nascidos, 124.

MATRÍCULAS NO I.S.C.A

O Instituto Superior de Contabilidade e Administração informa os interessados de que o prazo de inscrições no 2.º e 3.º anos, daquele estabelecimento de ensino, termina em 15 do corrente.

CORTEJO DE OFERENDAS EM VILAR

Realizou-se, há dias, na povoação suburbana de Vilar, um cortejo de oferendas a favor das obras de restauro da capela de localidade, o qual rendeu cerca de 100 contos.

CORTEJO DE OFERENDAS EM ARADAS

Na vizinha povoação de Aradas, vai realizar-se, no próximo domingo, dia 16, o já anunciado «Cortejo de Oferendas», cujo produto reverterá para a prossecução das obras do Centro Paroquial daquela progressiva freguesia — ansiada aspiração dos habitantes daquela localidade e dos lugares circunvizinhos, dadas as especificas e salutares actividades a que se destina este utilíssimo empreendimento: centro comunitário, simultaneamente dedicado à «Terceira Idade», e a cheche para crianças.

O Cortejo — para o qual se prevê uma grande participação dos habitantes daqueles lugares, compreensivelmente interessados em ver concluída aquela importante obra, já iniciada em Setembro do ano findo —, será organizado no Largo da Igreja, às 13 horas, desfilando depois pela Rua do Capitão Lebre, Estrada Nacional, Eucalipto, Rua Direita de Aradas, Quinta do Picado, Rua dos Louros e Rua do Dr. Alberto Souto, terminando no Largo da Igreja Paroquial, onde se procederá, depois, ao leilão das ofertas.

Pelo LICEU DE AVEIRO

O Liceu de Aveiro, com uma frequência de mais de 2 000 alunos, começou a funcionar no dia 12.

ABERTURA DAS AULAS NO SEMINÁRIO DE AVEIRO

Abriu, no passado dia 11, o novo ano lectivo no Seminário de Aveiro.

Estiveram presentes os Bispos D. Manuel e D. António.

Tanto na Concelebração Eucarística, invocando a assistência do Espírito Santo para o novo ano escolar, como na sessão de abertura das aulas, no salão de festas, o sr. D. Manuel saudou os alunos e elementos do corpo docente presentes, e vincou a importância duma boa formação intelectual dos candidatos ao sacerdócio, desde que se não descure a parte espiritual, que é a razão de ser de qualquer seminário.

Este ano, o seminário contará com 77 alunos, assim distribuídos: 7.º de escolaridade, 20; 8.º de escolaridade, 26; 9.º de escolaridade, 12; 3.º ano do c. geral, 8; 1.º complementar, 4; e 2.º complementar, 7.

ESTUDOS SUPERIORES CATÓLICOS em AVEIRO

Segundo lemos na Imprensa diária, acaba de ser criado, em Aveiro, por iniciativa do Prelado sr. D. Manuel de Almeida Trindade, o Círculo de Cultura Católica, da Diocese de Aveiro. Até agora, apenas funcionava nas dioceses de Porto e Lisboa um organismo homólogo.

Temos, assim, nesta cidade, para além da Universidade, o Instituto Superior de Contabilidade e Administração e, agora, uma nova escola do ensino superior nas dependências do Seminário de Santa Joana Princesa.

Encontram-se já abertas as inscrições, até ao dia 31 do corrente, na Rua José Estêvão, n.º 50 (Tel. 25687).

O Curso de Cultura Católica pode ser frequentado por qualquer pessoa que possua o 5.º ano liceal ou habilitações exigidas, pois, no próximo ano, só poderá frequentá-lo quem possua pelo menos o sétimo ano. A abertura das aulas, que funcionarão à noite, será já no próximo dia 8 de Novembro.

As disciplinas para este primeiro ano são: «As Origens do Cristianismo»; «História da Igreja»; «O Vaticano II e o Mundo de Hoje»; «A Arte Cristã».

Leccionam o padre Arménio Costa (Reitor do Seminário de Aveiro); Dr. Filipe Rocha (prof. do Instituto Superior de Ciências Sociais do Porto e da Faculdade de Filosofia da Universidade do Minho) e o Dr. Raimundo Meireles, professor do Instituto Superior de Ciências Sociais do Porto.

O custo anual do curso é de quinhentos escudos (individual); seiscentos escudos (casal) e duzentos e cinquenta escudos para os jovens.

Diz o Leitor...

Ainda QUINTA DO SIMÃO e a Escola

Na passada terça-feira, 11 de Outubro corrente, estiveram na Quinta do Simão, onde se foram inteirar da necessidade, por nós apontada, da criação duma Escola Primária, o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Dr. José Girão Pereira, o Adjunto da Direcção Escolar de Aveiro, Prof. Celso e um elemento da Junta de Freguesia de Esgueira.

Acompanharam esta comitiva alguns moradores do lugar, e parece ter-se visto grande desejo, no líder da Edilidade, em satisfazer esta aspiração justa do povo da Quinta do Simão.

Mas...

Infelizmente, há sempre um «mas».

Quer dizer que as boas-vontades das pessoas não contam, pois são logo ultrapassadas pelas burocracias de certos regulamentos, tais como: «Não pode haver uma Escola a menos de 3 quilómetros duma outra escola», o que quer dizer que, por uma diferença de 200 ou 300 metros, o terreno que «alguém» *dava*... não serve!

Não serve?

E servirá aquele que tão longe está da Quinta do Simão?

Estamos convictos de que, com a boa-vontade do Município, Junta de Freguesia, Direcção Escolar e Povo, as burocracias desaparecerão.

Oxalá que assim seja... e que a Escola na Quinta do Simão funcione ainda neste ano de 1977.

OGEMAL

Continuação da última página

FUTEBOL

Beira-Mar — A. Coimbra

Vítor Manuel, Vala e Jorge Oliveira para as respectivas vagas.

Na paragem dos campeonatos nacionais, determinada pelo prélio internacional Dinamarca — Portugal, Beira-Mar e Académico de Coimbra realizaram em Aveiro, no passado domingo, um jogo-amistoso, no intuito de que as respectivas equipas (esta época a militarem em escalões diferentes e, por isso, com bem diversas aspirações — dado que os aveirenses, na II Divisão, lutam para tentar o regresso ao campeonato principal, e os conimbricenses, com preocupante comportamento nas jornadas já cumpridas, na I Divisão, se batem para evitar eventual descida) adquiram a rodagem necessária e, se possível, corrijam determinadas falhas de manobra, evidenciadas nas rondas que anteriormente se efectuaram.

O desfecho do encontro — jogado como soe dizer-se, com punhos de renda (no Beira-Mar, verificou-se, mesmo, a estreia dum promissor centro-campista, Cambraia de seu nome, vindo do Marialvas, de Cantanhede, que forneceu boas indicações ao treinador Fernando Cabrita e deixou, nos assistentes, excelente impressão), com extrema correcção de ambas as partes — foi um empate, sem golos.

Nulo que, ao cabo e ao resto, terá sido bem mais lisonjeiro para os visitantes, cujas balizas (tanto com Helder, como com Marrafa) foram muito mais assediadas que as dos auri-negros (Jesus e Rola tiveram apenas que actuar com atenção, contando com a excelente cobertura dos defensores da turma). É que, fora de dúvidas de qualquer espécie, o Beira-Mar carregou na ofensiva, com superior insistência, forjando uma boa mão-cheia de lances de golo à vista — claudicando apenas na concretização.

São de anotar, como perdidas, algumas flagrantes: aos 7 m., poderoso remate de Simão, em que a bola saiu sobre a barra; aos 12 m., um lance concluído por Manecas, com tiro sesgado; pondo Helder em grande apuro; aos 22 m., na sequência de um «corner», um golpe de cabeça de Abel, oportuno a ir ao lance, mas a fazer a emenda por cima da trave; aos 41 m., um pontapé de Germano, em abertura de Quim, forçando Helder a ceder «corner»; aos 52 m., um remate de Cambraia, já a curta distância de Marrafa, levando a bola sobre a baliza; aos 63 m., uma folha-seca de Germano, na marcação de um livre frontal, forçando Marrafa a defesa de recurso, para canto; aos 66 m., numa insistência de Simão, com Marrafa batido, surgiu Gregório, sobre o risco, a impedir o golo; e, aos 70 m., uma recarga de Cambraia, em oportuna emenda de cabeça, para a baliza desguarnecida, em que o esférico saiu sobre o alvo desejado...

Por banda dos académicos — que, de facto, se encontram longe de poder inspirar confiança aos seus adeptos, e cuja exibição terá deixado mais algumas dores de cabeça ao seu técnico (Pinho, adjunto de Juca — ausente nesta deslocação a Aveiro, por ter seguido para a Dinamarca, a orientar a selecção nacional) — houve, ao longo dos noventa minutos, apenas duas situações de real perigo, o que, naturalmente, é muito pouco: aos 42 m., depois de cruzamento de Costa e de bom passe de cabeça de Gregório, Rogério, sem oposição, de baliza às escâncaras, atirou para as nuvens; e, perto do fim, de fora da área, Vala arrancou poderoso remate, a que Rola correspondeu com defesa eficiente.

No resto, houve muitos passes a mais, muita troca de bola em zonas desaconselháveis e grande carência de homens que, ao menos, tentassem o remate final — dando aso, frequentes vezes, a que os defensores aveirenses (sobretudo Quaresma, muito aplaudido numa série de lances de antecipação) executassem cortes das jogadas que se desbobinavam na sua área defensiva, conjurando as hipóteses de perigo, com espantosa facilidade...

Arbitragem apenas sofrível, já que, no segundo tempo, houve dois deslizes de certo modo graves, que nos levam, naturalmente, a baixar a cotação que teria, sem isso, de dar-se ao trio: de facto, aos 67 m., foi assinalado livre contra o Académico, com nítido benefício do infractor, em jogada que se antevia de muito perigo, com Germano a esgueirar-se para tentar o golo; e, aos 81 m., houve vista-grossa à falta de Vítor I sobre Jorge Oliveira, agarrado pela camisola, dentro da grande área, o que dava aso a grande penalidade...

Sumário Distrital

Classificação actual — Valecambrense e Arrifanense, 6 pontos. Cucujães e Sanjoanense, 5. Lusitânia, Espinho, Anadia, Feirense e Gafanha, 4. Recreio, Beira-Mar e Oliveirense, 2.

Jogos para domingo — 10.30 horas

Espinho - Sanjoanense
Recreio - Oliveirense
Cucujães - Feirense
Lusitânia - Valecambrense
Anadia - Beira-Mar
Arrifanense - Gafanha

BEIRA-MAR, 1 GAFANHA, 2

Jogo no Estádio de Mário Duarte, na manhã de domingo, sob arbitragem do sr. Artur José, coadjuvado pelos srs. Amadeu Ferreira (bancada) e Armindo Matos (superior) — da Comissão Distrital de Aveiro.

As equipas:

BEIRA-MAR — Macedo; Pedro, Duarte, Américo (José Paulo, aos 47 m.) e José Pedro; Troia (Filipe, aos 47 m.), Guedes e Guimarães; João José, Balacó e Chico.

GAFANHA — João Manuel; Flores, Mário Jorge, Fidalgo e Gandarinho; Francisco Lopes, Oliveira e Hermínio (Ismael, aos 33 m.); Rocha, Lavoura e Armando.

Os beiramarenses marcaram primeiro, aos 20 m., por intermédio de JOSÉ PEDRO e pareciam bem encarreirados para chamar a si o triunfo, dado que se exibiam em plano de nítida superioridade e tiveram, antes e após o 1-0, magníficos ensejos para fazerem mais golos.

Lutando sempre, no entanto, os gafanhenses jamais se entregaram e souberam explorar, com êxito, o contra-ataque — logrando igualar, aos 29 m., e passar para vencedores, aos 39 m. (já no segundo meio-tempo), tirando partido de falhanços da defesa aveirense, de ambas as vezes com golos concretizados por ROCHA.

Daí até ao termo do encontro, assistimos, primeiro, à fase de nítida desorientação e total desorganização dos negro-amarelos, e de muita serenidade e muita «cabeça» dos azuis, controlando a marcha do desafio a seu bel-prazer; e, depois, a um vigoroso **forcing** final dos aveirenses, na tentativa de, pelo menos, chegarem ao empate — que, vistas bem as coisas, seria o desfecho mais certo.

Arbitragem bem conduzida, em jogo correcto e agradável de seguir — já que há jovens deveras promissores nas duas turmas.

TAÇA de PORTUGAL

rança de Lagos, 1 — Vitória de Lisboa, 2 (após prolongamento). Bucelense, 0 — Santiago de Cacém, 4. Seixal, 2 — Borbense, 0. Quarteirense, 1 — Serpa, 0. Atlético, 3 — Aljustrelense, 1.

Das turmas do nosso Distrito, lograram assegurar a sua presença na competição: LAMAS, PAÇOS DE BRANDÃO, ALBA, ANADIA e OLIVEIRA DO BAIRRO — tendo dois destes clubes actuado fora dos seus recintos.

Entretanto, ficaram excluídos três grupos aveirenses — todos a actuar extra-muros (OLIVEIRENSE, VALECAMBRENSE e ARRIFANENSE).

RECOMEÇO dos NACIONAIS

II DIVISÃO

ZONA NORTE

SANJOANENSE-PAÇOS DE BRANDÃO, Famalicão-Aliados de Lordelo, Régua-LAMAS, Rio Ave-Gil Vicente, Fafe-Chaves, Vianense-Vila Real, Penafiel-Leixões e Paços de Ferreira-LUSITÂNIA.

ZONA CENTRO

Estrela de Portalegre - Cartaxo, União de Leiria-Académico de Viseu, BEIRA-MAR-Sintrense, Sporting da Covilhã-Marinhense, Peniche-União de Coimbra, União de Santarém - RECREIO DE ÁGUEDA, União de Tomar - Marrazes e Mangualde - Portalegrense.

III DIVISÃO

SÉRIE «B»

Salgueiros - ARRIFANENSE, Paredes - Avintes, VALECAMBRENSE - OLIVEIRENSE, Sampedrense - Perosinho, Amarante - Leverense, CUCUJÃES - Lamego, BUSTELO - Freamunde e Vilanovense - Infesta.

SÉRIE «C»

ALBA - Carapinheirense, Gonçalense - Naval, OLIVEIRA DO BAIRRO - Molelos, Tocha - Marialvas, Ançã - Covilhã e Benfica, Febres - ANADIA, Tondela - Guarda e Viseu e Benfica - Gouveia.

ANDEBOL DE SETE

Marcha do resultado — 0-1, 1-1, 1-2, 2-2, 3-2, 3-3, 4-3, 5-3, 5-4, 6-4, 7-4, 8-4, 9-4, 9-5, 10-5, 10-6, 11-6, 11-7, 12-7 (intervalo), 12-8, 12-9, 12-10, 13-10, 14-10, 15-10, 15-11, 15-12, 15-13, 16-13, 16-14, 17-14, 18-14, 18-15 e 19.15.

Triunfo laborioso, mas certo, da turma do S. Bernardo — que actuou muitos furos aquém do que é seu normal, porventura por não contar com a réplica, francamente positiva, dos seus opositores.

Os vimaranenses, de facto, com processos bem estudados (intencional lentidão, para contrariar o ímpeto ofensivo dos adversários, e acertada cobertura do seu reduto defensivo), tiveram decisiva influência na noite apagada, frouxa, do S. Bernardo, que apenas respirou fundo, cantando vitória, quando do apito final...

O S. Bernardo teve quatro remates em que a bola embateu na madeira das balizas contrárias e beneficiou de três grandes penalidades, desaproveitando uma (remate de Élio, contra um poste). O Desportivo Francisco d'Holanda teve a seu favor cinco penalties e desperdiçou um (remate de Correia, proporcionando defesa de Ricardo). Houve «cartões amarelos» — um para os locais (António Carlos) e dois para os visitantes (Xavier e Correia); e houve também suspensões temporárias de dois minutos — para Alex (S. Bernardo) e para Américo, Adelino e Carlos (Francisco d'Holanda).

Arbitragem imparcial, bem conduzida.

ACADÉMICO DO PORTO, 29 BEIRA-MAR, 19

Jogo no Pavilhão do Lima, na noite de sábado, sob arbitragem dos srs. Vitorino Rocha e Dúlio Oliveira, da Comissão Distrital do Porto.

Alinharam e marcaram:

ACADÉMICO DO PORTO — Ramos, Espinheira (4), Areias (6), Rui, Cunha, Pereira, Correia (2), Arminho (1), Lafuente (5), Nuno Montenegro (8), Andrade (3) e Carlos.

BEIRA-MAR — Januário, José Carlos (2), Fernando Rocha (5), Patarrana (4), David (5), Nuno, Fernando Silvares (1), Gamelas, Oliveira (2), Chico Costa, José Silvares e Bento.

Partida com duas metades distintas. Até ao intervalo, a emoção foi constante, pelo nivelamento do score (11 - 10, favorável aos portuenses); após o reatamento, tirando partido dos auri-negros terem a actuar os seus ex-juniores, os academistas fizeram jus ao dilatado triunfo que obtiveram — alcançando um avanço final de dez tentos, que pode considerar-se punição excessiva para os beiramarenses.

Jogo extremamente correcto e agradável de seguir, com arbitragem de bom nível. Houve, ao todo, dois «cartões amarelos» — para os portuenses Espinheira e Lafuente.

Louváveis Iniciativas do S. Bernardo

Muitas destas jovens, a convite de colegas do Bonsucesso, igualmente interessadas na prática do andebol, «apadrinharam» há dias a sua iniciação na modalidade, num treino conjunto ali realizado.

Em fecho, outra iniciativa — louvável como as anteriormente referidas — dos responsáveis do S. Bernardo: no passado dia 5, à tarde, no Pavilhão da Oliveirinha (em fase de acabamento), promoveram um mini-curso de andebol, que reuniu cerca de quarenta alunos, e foi orientado pelos jogadores seniores António Carlos, António Vieira, Élio Maia e Ulisses Manuel — que frequentaram, no mês findo, um curso de treinadores organizado, em Coimbra, pela Federação Portuguesa de Andebol.

PESCA

13.650. 7.º — Rui Manuel Mendes Couto, 13.410. 8.º — José Fernando A. Nunes Maia, 13.330. 9.º — João Pereira Vasconcelos, 12.370. 10.º — Plácido Melo Silva, 12.250.

Ultrapassando todos os vaticínios, pois o último concurso havia proporcionado quase um *record* de captura de peixe (146 kgs.), este ainda foi mais fértil, já que os vinte e quatro associados capturaram nada menos do que 178 kgs., predominando as tainhas.

Com este concurso terminou a especialidade de Molhes, cuja classificação final, ficou assim ordenada:

1.º — José Fernando A. Nunes Maia; 2.º — Benjamim Rei Albuquerque; 3.º — Jaime Oliveira Gomes; 4.º — José do Amaral Pedro; 5.º — João Pereira Vasconcelos.

Dentro desta especialidade, o maior exemplar passou a ser pertença de Jaime de Oliveira Gomes, com uma tainha de 1,500 kgs.; e também o maior número de exemplares (112 nos dois concursos) ficou na posse do mesmo concorrente.

Depois deste concurso a classificação geral do Campeonato encontra-se assim ordenada:

1.º — José César Reis Rodrigues, 3.014 pontos. 2.º — João Pereira Vasconcelos, 2.826. 3.º — Joaquim Alves dos Reis, 2.453. 4.º — Jaime de Oliveira Gomes, 2.153. 5.º — Benjamim Rei Albuquerque, 1.924. 6.º — José do Amaral Pedro, 1.897. 7.º — Eugénio Samico Breda, 1.875. 8.º — António Ferreira Duarte, 1.843. 9.º — José Fernando A. Nunes Maia, 1.711. 10.º — José da Loura Peixinho, 1.698.

O próximo concurso — I de Mar (Praia) — realiza-se em 30 de Outubro, estando marcada a concentração dos pescadores para as 7 horas da manhã, no Largo da Marisqueira, na Costa Nova.

Basquetebol

contros Illiabum — Sangalhos (Pavilhão de Ilhavo) e Beira-Mar — Salreu (Pavilhão do Baira-Mar), ficando adiado, *sine die* a partida Ovarense — Galitos — a pedido dos vareiros a que os aveirenses deram a concordância necessária. Os jogos terão início às 17.30 horas.

— Em JUVENIS: a prova terá início retardado uma semana, começando no dia 23, e com novo calendário de jogos, dado que, além do Ovarense (e para evitar que semanalmente ficasse de «folga» um dos concorrentes), também o Galitos desistiu de participar no campeonato com uma das turmas que oportunamente inscrevera.

América, América!

ceu) até aos 12. Entenda-se anos escolares.

O futebol começa a ser jogado a sério e oficialmente no Junior High School, passando depois para o High School, onde muitos já chegam com uma boa preparação, que lhe veio das tais organizações particulares dos 8 aos 14 anos de idade. Note-se que a iniciação não tem idade. Pode começar em qualquer momento, desde que os pais o desejem e a criança possua logicamente corpo.

Vai acontecer exactamente que no próximo sábado (1 de Outubro) vai haver aqui um jogo importante entre duas escolas que são já de muito valor. Trata-se do Liberty High School e do Freedom High School. Se o tempo o permitir, porque é jogado de noite, 5 ou 6.000 pessoas estarão lá.

Depois do High School (Liceu), os jogadores passam para as Universidades, onde surgem alguns já com muito valor.

Além do futebol das escolas, há também várias Associações Regionais, algumas contando com 4 divisões!

Finalmente, o futebol profissional (futebol espectáculo) como lhe chamam aí. Neste futebol profissional (com o Cosmos, em público, só se lhe comparam o Benfica, o Porto

Conclui na página 7

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 8 DO «TOTOBOLA»

23 de Outubro de 1977

1	Portimonense - Marítimo	1
2	Académico - Boavista	1
3	Braga - Varzim	X
4	Setúbal - Guimarães	1
5	Estoril - Belenenses	1
6	Porto - Sporting	1
7	Feirense - Riopele	1
8	Sanjoanense - Famalicão	X
9	U. Lamas - Rio Ave	1
10	Sintrense - Covilhã	X
11	U. Coimbra - U. Santarém	1
12	Vasco da Gama - Olhanense	1
13	Juventude - Atlético	X

PARQUE DE CAMPISMO DA COSTA NOVA

zona das «Desertas»), onde existe uma piscina, e as obras para construção de outros indispensáveis requisitos para um empreendimento desta envergadura — o futuro Parque de Campismo da Costa Nova poderá vir a ser um dos melhores da Europa ! — terão «luz verde» para o respectivo arranque dentro de dias, segundo tudo leva a crer.

Numa ulterior segunda fase, serão construídos um motel e «bungalows», dentro de um plano já devidamente estruturado e que, oportunamente, será apresentado ao público.

Entretanto, e até 25 de Outubro corrente, na sede do Clube de Campismo e Caravanismo de Aveiro, podem ser fornecidos aos interessados elementos informativos sobre este notável empreendimento e são admitidas inscrições para novos sócios do «Parque de Campismo da Costa Nova».

A FONTE DE BENESPERA

Continuação da primeira página

nunca a riqueza das suas belíssimas talhas douradas e dos seus azulejos, que lhe conferem lugar de destaque na Arte Portuguesa. E, principalmente, bom seria que ao visitar qualquer monumento — mosteiro de renome ou simples capela rústica; pelourinho ancestral e nu ou cruzeiro rendilhado e famoso —, bom seria que se soubesse situar no Tempo e na História essas construções por vezes aparentemente modestas, mas ricas no seu contexto social e histórico.

Ora foi animada desse propósito de «encontro», de Descoberta, que me debrucei sobre esta cidade, velha de mil anos, mas sempre jovem no seu ar lavado e gentil. Calcorreei ruas e becos ao sol e ao vento; percorri quilómetros de páginas antigas que me mostraram o nascer e o crescer desta urbe até aos nossos dias. Quedei-me nas frontarias de calcário de Ançã e ajoelhei o espírito diante de retábulos setecentistas; segui as conjecturas sobre a remota Talábriga que Aveiro não foi, mas descobri um Alavário aqui erguido muito antes da Nacionalidade se levantar em Guimarães. Se a memória do Infante D. Pedro me seguiu no trajecto das velhas muralhas desaparecidas e que ele mandara erguer em 1418 — e que me levou à lenda da Senhora do Pranto, que diz a tradição estar na origem da construção do antigo convento de S. Domingos —, Santa Joana Princesa deu-me a lição da humildade no seu belo e cristianíssimo testamento; se José Estêvão se tornou a meus olhos o símbolo vivo dum patriotismo bem vivido e compreendido por toda uma vida de luta a favor da colectividade — D. João Evangelista de Lima Vidal foi o Poeta da terra e das gentes do seu distrito, naquela singeleza de forma dos seus escritos que ainda hoje se lêem com raro interesse.

E é isto o que faz a História de uma cidade — os monumentos que falam de um Passado em evolução constante, atestando a capacidade criadora das suas gentes; e os homens que nela, ou por ela, se distinguiram, arrastando os seus concidadãos na aventura do Progresso e do bem-estar social.

Lancei-me, portanto, na Cruzada de descobrir Aveiro. De a descobrir e de a dar a conhecer aos outros; Aveiro bem o merece. E desse estudo de longos meses, de sérias cogitações, de algumas trocas de impressões ao acaso, vim a desembocar num assunto apaixonante para a minha avidez de conhecimentos históricos — a Casa Ducal de Aveiro. Serviu-me de guia, entre outros, o senhor Dr. Ferreira Neves com o seu trabalho «A Casa e Ducado de Aveiro — sua origem, evolução e extinção».

E chegando a este ponto, apraz-me perguntar: — Que sabes tu, aveirense — «cagaréu» ou «ceboleiro» de gema e tradição, ou simples filho adoptivo destas «terras de alavario» que foram da condessa Mumadona, senhora de terras sem fim desde a foz do Vouga a Pontevedra, na Galiza —, que sabes tu, aveirense, dos teus ancestrais donatários?... Saberás, porventura, que já em 1047 um tal Rocemundo Mourel fizera doação da sua parte da vila de Aveiro ao mosteiro da Vacariça?... Que se averiguou, pelo inventário de 1050 das propriedades de D. Gonçalo Viegas e de sua mulher D. Flâmula, que estes possuíam aqui a sua terça parte?... Que existe uma «carta de escambo» entre D. Sancho I e sua meia-irmã D. Urraca Afonso, da vila de Aveiro por Avô?... Que Pedro Rodrigues Girão e sua mulher Sancha Peres venderam à Infanta D. Sancha, em Maio de 1222, a terça parte da mesma vila — parte esta que, por sua vez, a infanta doou no ano seguinte ao mosteiro de Celas, de Coimbra?... Que mais tarde, em 1306, D. Dinis recebeu do referido mosteiro essa doação — e o padroado da igreja da vila, que igualmente estava na sua posse —, assim como também o mesmo rei permutou com o mosteiro de S. João de Tarouca outra terça parte e o senhorio de Aveiro, que o dito convento recebera de D. Aldara Peres, filha de D. Urraca Afonso — integrando essas duas partes na Coroa?... Que D. Fernando achou por bem dar esta vila a D. Leonor Teles, incluindo-a no seu dote de casamento?... Que, logo no início da dinastia de Avis, D. João I a doou a João Rodrigues Pereira e seus descendentes, por bons serviços prestados durante a Crise que o elevaria de Mestre de Avis a Rei de Portugal — mas que voltaria à Coroa, em 1407, por escambro com Fermedo, um terço que pertencia então a Leonor Pereira, filha do donatário, tendo também D. João I comprado a Rui Vaz Pereira os outros dois terços que os filhos do mesmo João Rodrigues Pereira lhe tinham vendido antes?...

E que sabes tu, aveirense, da figura extraordinária do Infante D. Pedro, «o das Sete Partidas», que Oliveira Martins classifica como «o tipo mais digno de toda a História nacional» — senhor de Aveiro por vontade de seu pai, e depois por seu irmão D. Duarte, e confirmado nessa posse por carta régia de 17 de Agosto de 1447 de D. Afonso V, ampliada em 1478 por nova carta do mesmo monarca com a posse da vila de Mira — doações essas já alargadas aos seus descendentes?... Saberás tu que, após a intriga palaciana que teve o seu trágico epílogo em Alfarrobeira, passou Aveiro para as mãos do conde de Odemira, que a deu a sua filha D. Maria como dote pelo seu casamento com D. Afonso, conde de Faro e filho do 2.º duque de Bragança — um dos implicados na conspiração contra D. João II?... Que, por tal motivo, tendo o conde de Faro fugido para Espanha, passou esta vila para a Coroa — até que D. João II a doou, em 1485, a sua irmã D. Joana, a santa Princesa?... E que, por sua morte, o mesmo soberano a deu a D. Jorge, seu filho bastardo, figurando no seu testamento de 28 de Setembro de 1495 — «...e a villa daueiro com suas lizírias e ilhas de dentro da ffoz»?...

E eis-nos assim chegados ao tema principal destes meus apontamentos: «A Casa e Ducado de Aveiro», os grandes donatários destas terras tornadas «villa notável» por provisões de Filipe I, e que ascenderia a Cidade com D. José, como prémio pela sua fidelidade à pessoa régia após a tentativa frustrada de regicídio em que se implicara o 8.º duque de Aveiro, D. José de Mascarenhas.

Mas quem seria este D. Jorge, «cabeça» desta Casa tão importante, a segunda do Reino — logo a seguir à de Bragança?...

(Conclui no próximo número)

HONORINDA CERVEIRA

Massena-Bussaco-Boialvo

Conclusão da página 3

do intrépido Ney, não pagaram a sugestão, hoje enraizada na História, de que o comando hipereficiente do emplumado Murat—a um tempo cheio de acutilância, precisão e justo sentido do momento de emprego das massas de cavalaria — desbaratara o dispositivo aliado com a habitual presteza. Como em Borghetto, Rivoli, Aboukir, Ulm, Austerlitz, Eylau, Friedland, Borodino...

Um pouco tímido perante os há muito afamados Ney e Junot, trazia Massena o arrojado general Montbrun — que, na carga fabulosa de Somosierra, sedento de rasgar o desfiladeiro que há séculos constituía a defesa natural de Madrid, levara à morte, à vitória e à glória os célebres lanceiros polacos. Não era Montbrun, no entanto, um general de iniciativas oportunas que, muito embora épicas, rompessem a frente inimiga sem mais apelo. Tanto avaliava Massena, cuja movimentação estratégica, uma vez dentro de Portugal, visaria apenas, e persistentemente, um único objectivo: alcançar Wellington nas planícies entre Coimbra e Lisboa para aí, como fizera Napoleão em Somosierra, lançar contra a infantaria luso-britânica (melhor digamos, quase toda lusa, enquadrada por oficiais ingleses), os quarenta irresistíveis esquadrões de Montbrun.

Com 6000 cavaleiros num exército total de 60 000 homens, iniciou Massena as operações pelo ataque às praças fortes de Ciudad Rodrigo e Almeida. Tomou a primeira de assalto nos primeiros dias de Junho de 1810, Almeida capitulou em 27 de Agosto, a terceira invasão começava.

(Continua)

MENDES LEAL

Desporto

Conclusões da pág. 5

América, América!

e o Sporting) as enchentes variam entre os 30.000 e os 70.000 espectadores. No estádio onde o Cosmos actua, que é realmente impressionante, vi há dias um jogo, cuja lotação já se encontrava esgotada havia 3 semanas! O Cosmos venceu nessa noite o «Lancers» de Rochester, N. Y., onde jogaram o Costa, J. Pedro e o Ibraim. O resultado foi de 4-1 para o Cosmos.

Outro aspecto do futebol daqui é o que se relaciona com os dois árbitros, que faz impressão a muita gente, não sei bem porquê, mas que confesso também a mim me impressionou quando comecei por os ver.

Um dia, já lá vão uns 10 anos, fui ver um jogo do Lehigh University e outra Universidade qualquer. Quando apareceram os dois árbitros, dois velhotes, ainda por cima um com liga elástica e a mancar, fiquei logo com a espada no ar para os desancar. Pois a verdade é que fizeram uma arbitragem impecável. Tomaram as suas posições no campo, em diagonal, mas correndo paralelo à linha lateral e afastados desta uns 10 metros, acompanhando sempre um ataque que se dirigia para a baliza e de tal modo colocados para bem ajuizarem os «fora de jogo», que nunca houve problemas. Daí os dois árbitros terem o meu apoio. Primeiro, nem precisam de ter grande preparação física, porque, se quiserem, não precisam de ir além do meio campo (o árbitro atrasado). Depois, porque um árbitro e dois juízes de linha tornam o trabalho do juiz mais dificultado, pois como se sabe este tem de reparar constantemente nos jogadores e, ainda, nos seus auxiliares, o que provoca, não raro, um atrazo no apito, o que traz os seus inconvenientes. E isto com os dois árbitros não sucede, porque estão sempre em cima da jogada. Por tudo, eu penso que entre um árbitro e dois juízes auxiliares bons e dois árbitros igualmente bons, vou por estes, pois dada a posição que tomam dentro do campo, eles podem ajuizar bem e decidir sempre na hora certa».

Aqui ficam os reparos (e não só...) do bom Amigo José Fernandes, radicado na América do Norte há muitos anos, logo, à-vontade para tecer os comentários e autenticá-los.

Aguardaremos novos escritos dum homem que tem sempre tempo para atender os amigos, para ser correspondente do jornal «A BOLA» nos U.S.A., do Luso-Americano que se publica em Newark, e para trabalhar na Agência de Viagens CASTRO TRAVEL, de que é proprietário.

JOAQUIM DUARTE

Confraternização dos jovens Galitos

xorável, arrancando-os à vida e ao convívio dos seus companheiros.

O programa cumprido, idêntico ao de anteriores anos, iniciou-se às 15 horas, com concentração na sede do clube. A seguir, às 16.30 horas, houve uma romagem de saudade, com deposição de flores nas campas dos colegas falecidos e a colocação de uma placa de sentida homenagem na sepultura do Capitão Júlio Ribeiro, desaparecido este ano do convívio dos seus companheiros.

Depois, às 18 horas, no Pavilhão do Beira-Mar, houve o tradicional desafio de basquetebol, defrontando-se os antigos «juvenis» e os antigos «juniores» — verificando-se o já habitual empate em pontos... Finalmente, realizou-se um jantar de confraternização.

Nesta simpática e deveras louvável jornada, estiveram presentes, como sempre — até porque as suas presenças são indispensáveis — o antigo guarda do Parque Municipal e «velho» amigo dos Galitos e dos elementos daquelas equipas sr. Adriano de Jesus, o treinador da época (José Nogueira), o antigo árbitro Albano Baptista e ainda um representante da Direcção do Clube dos Galitos.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que, por escritura de 28 de Setembro de 1977, inserta de fls. 72 v.º a 74, do livro de escrituras diversas n.º 528-A, deste 1.º Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre Manuel Máximo de Oliveira e Maria Eneida de Sá Rodrigues, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de EDICACEL— Comércio e Indústria de Electrodomésticos e electrónica, Manuel M. Oliveira & Companhia, Limitada e tem a sua sede na Rua da Alegria, 1 r/c de um prédio urbano, sem n.º de polícia, lugar de Mataduços, freguesia de Esgueira deste concelho de Aveiro, durará por tempo indeterminado e o seu início contar-se-á a partir de hoje.

2.º — O seu objecto é o exercício do comérci oe indústria de electrodomésticos e de electrónica e o de qualquer outro ramo de comércio e indústria que resolvem explorar dentro dos limites legais.

3.º — O capital social é de 100 mil escudos, integralmente realizado, em dinheiro, e pertencendo uma quota de 50 mil escudos a cada sócio.

4.º — A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, os quais são nomeados gerentes, bastando a assinatura de qualquer deles para obrigar validamente a sociedade.

5.º — A cessão de quotas entre os sócios é livremente permitida, a cessão a estranhos depende da autorização de quem for mais sócio.

6.º — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com 10 dias de antecedência pelo menos.

Está conforme ao original.

Aveiro, 6 de Outubro de 1977.

O AJUDANTE,

a) *Luís dos Santos Ratola*

LITORAL-Aveiro, 14/10/77 — N.º 1179

ATENÇÃO

ABRIU EM AVEIRO

SUPERMERCADO DE ALCATIFAS

Rua Dr. Mário Sacramento, 125-c/v

- MAQUINA PRÓPRIA PARA DEBRUAR
- Serviços executados com perfeição e rapidez por pessoal especializado

GRANDES STOCKS

HERNÂNI

tudo para

DESPORTO

Rua Pinto Basto, 11

Telef. 23595 — AVEIRO

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— garantia de qualidade e bom gosto —

CERAMICA, COMERCIO E INDUSTRIA, SARL

Apartado 13 - AVEIRO - PORTUGAL - Tel. 22061/3

PRETENDE-SE ALUGAR

— Apartamento ou Vivenda, na cidade ou arredores.

Contactar pelo telefone n.º 25318, a partir das 20 horas.

Dr. A. Almeida e Silva

ESPECIALISTA

Partos e Doenças de Senhoras

Consultas:

Rua Dr. Alberto Souto, 48-1.º Sala C

A partir das 16 horas

Telefones | *Consultório: 27938* | *Residência: 28247*

AVEIRO

A. FARIA GOMES

MÉDICO-ESPECIALISTA

ESTOMATOLOGIA

CIRURGIA ORAL

e REABILITAÇÃO

Consultas todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada.

R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3-3.º E. — Telef. 27329

Joaquim Peixinho

ADVOGADO

Trav. do Governo Civil, n.º 4-1.º Esq. — Sala 4

Telefone 25405

AVEIRO

VENDE-SE

— Terreno, a dois quilómetros do centro da cidade, com área de 4800 m2.

Informa: telefone 24436 — Aveiro.

Reparações • Acessórios

RADIOS - TELEVISORES

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas e aos melhores preços

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 232-B

Telef. 22359

AVEIRO

PROPRIEDADES

COMPRA

VENDA

Rua Luís Cipriano, 15 (à R. dos Comb. G. Guerra)

TELEF. 28353

AVEIRO

Reclangol

Reclamos Luminosos — Néon-Plástico — Iluminações Fluorescentes a cátodo frio — Difusores

Rua Cónego Maio, 101

Apartado 409

S. BERNARDO - AVEIRO

Telefone 25023

1.º andar — Vende-se

Junto do Conservatório e da Universidade, com 4 quartos, sala comum, 3 casas de banho, cozinha e quarto de arrumos no sótão.

Tratar pelo telef. 27197.

AMORIM FIGUEIREDO

MÉDICO-ESPECIALISTA

OSSOS E ARTICULAÇÕES

participa a mudança do seu Consultório Médico para a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao n.º 54 (2.º andar), em

AVEIRO

(Telefone 24255)

Consultas:

2.as, 4.as e 6.as — 10 horas

Residência

Telef. 22660

MAYA SECO

MÉDICO ESPECIALISTA

PARTOS — DOENÇAS DAS SENHORAS

Rua Dr. Alberto Souto, 11, r/c

AVEIRO

VENDEM-SE

— 2 casas na Rua do Gravito, n.os 101 a 105 — Aveiro.

Tratar pelo telefone 22424

EXPLICAÇÕES

— de Físico-Químicas e Matemática (3.º ano, antigo 5.º ano). Vai ao domicílio. Resposta a este jornal, ao n.º 101.

SEISDEDOS MACHADO

ADVOGADO

Travessa do Governo Civil, 4-1.º - Esq.º

AVEIRO

TERRENO

à saída de Aveiro, lote de 1.050 m2, próprio para habitação ou vivenda geminada.

Trata: telefone 23452 (Aveiro), a partir das 19 horas.

J. Cândido Vaz

MÉDICO-ESPECIALISTA

DOENÇAS DE SENHORAS

Consultas às 3.as e 5.as a partir das 15 horas

(com hora marcada)

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 81-1.º Esq. — Sala 2

AVEIRO

Telef. 24788

Residência: Telef. 22856

GRUPO DE CONTABILISTAS

Integrados no sistema tributário actual, executam escritas (grupos A e B da Contribuição Industrial), em regime livre ou «part-time».

Favor contactar pelo telefone 24349 — Aveiro, ou L. Mendonça — Rua de S. Sebastião, 101-1.º-Esq.º — Aveiro.

EM QUALQUER ÉPOCA

Faça as suas compras na

GALERIA ICONE

de Mário Mateus

Rua do Gravito, 51 — AVEIRO

(em frente à Rua Dr. Alberto Soares Machado)

Casa especializada em:

BIBELOS
PEÇAS DECORATIVAS
ARRANJOS FLORAIS

MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES

PAPÉIS
ALCATIFAS

LACAGENS
DOURAMENTOS
FABRICAÇÃO DE MOLDURAS

Visite-nos e aprecie onde a qualidade anda a par com o bom gosto

---

ROGÉRIO LEITÃO

MÉDICO-ESPECIALISTA

DOENÇAS DO CORAÇÃO

Ausente de 18/8/77 a 25/9/77

Cons.: — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 82-1.º E — Tel. 24790

Res. — R. Jaime Moniz, 18

Telef. 22677 AVEIRO

GUARDA-LIVROS

— com longa prática e conhecimentos de Inglês — oferece-se, como efectivo ou em regime de part-time.

Respostas à Redacção deste jornal, ao n.º 102.

Torres Constrave

AVEIRO

TEMOS UM ANDAR PARA SI!

— *Nós também queremos colaborar*

— *Propriedade horizontal rodeada de zonas verdes*

— *Colaboração com Estabelecimentos de Crédito*

SOLUÇÃO IMEDIATA PARA O PROBLEMA DA SUA HABITAÇÃO

CONSTRAVE - Construções de Aveiro, L.da

Avenida Araújo e Silva, 109 — Telef. 25076

AVEIRO

PETISQUEIRA CAMPONESA

Rua dos Forninhos

PATELA — AVEIRO

Casa Especializada em Petiscos e Comidas, com Vinhos seleccionados, onde poderá saborear diariamente, leitão assado, frango de churrasco, bacalhau assado e outras variedades de comidas à moda da nossa casa.

VISITE-NOS...

E SERÁ NOSSO CLIENTE

RUI BRITO

MÉDICO ESPECIALISTA

Ginecologista do Hospital de Aveiro — Doenças das Senhoras

Operações

Consultório

Rua Dr. Alberto Souto, 34-1.º

Telefone 28210

Residência:

Rua Aquilino Ribeiro, 4-r/c

Telefone 28590

J. Rodrigues Póvoa

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina

DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS

RAIOS X

ELECTROCARDIOLOGIA

METABOLISMO BASAL

No consultório — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 1.º Dto.

Telefone 28875

a partir das 13 horas [illegible] marcada

Residência — Rua Mário Sacramento 106-3.º — Telefone 22750

EM ÍLHAVO

no Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas.

Em Estarreja - no Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas

---

SAL DE AVEIRO

(ENSACADO OU A GRANEL)

COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS PRODUTORES E TRANSFORMADORES DE SAIS MARINHOS DE AVEIRO (S.C.R.L.)

Escritório — Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 115-2.º — Telef. 27387

Armazém — Cais de S. Roque, 100 — AVEIRO

CAMPEONATO NACIONAL

I DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 2.ª jornada

Académico - BEIRA-MAR . .	29-19
S. BERNARDO - F.º d'Holanda	19-15
Maia - Braga	16-12
Desp. Portugal - Porto . . .	12-19
Gaia - Ac.ª S. Mamede	(a)
Desp. Póvoa - Vilanovense . .	21-21

(a) Jogo interrompido, ainda na primeira parte, por ter sido considerado perigoso o estado do piso do recinto.

Tabela classificativa

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Porto	2	2	0	0	48-28	6
S. BERNARDO .	2	2	0	0	48-38	6
Vilanovense . . .	2	1	1	0	39-38	5
Académico	2	1	0	1	52-48	5
F.º Holanda . . .	2	1	0	1	29-30	4
Maia	2	1	0	1	31-33	4
BEIRA-MAR . .	2	1	0	1	33-40	4
Ac.ª S. Mamede .	1	1	0	0	21-15	3
Desp. Póvoa . . .	2	0	1	1	37-50	3
Braga	2	0	0	2	23-30	2
Desp. Portugal .	2	0	0	2	23-33	2
Gaia	1	0	0	1	17-18	1

Jogos para sábado, à noite

F.º d'Holanda - Académico
BEIRA-MAR - Maia
Porto - S. BERNARDO
Braga - Gaia
Vilanovense - Desp. Portugal
Acad.ª S. Mamede - Desp. Póvoa

FRANCISCO D'HOLANDA, 15
S. BERNARDO, 19

Jogo no Pavilhão Gimnodesportivo, na noite de sábado, sob arbitragem dos srs. Jerónimo Silva e José Ribeiro, da Comissão Distrital do Porto.

Alinharam e marcaram:

S. BERNARDO — Ricardo, Élio (3), Helder (5), Heber (1), António Carlos (1), Vieira, Ulisses (5), Alex (4), Chico Marinho, David, Manuel Ângelo e Gilberto.

FRANCISCO D'HOLANDA — Martins, Adelino (4), Américo, Gualberto, Barreira (2), Xavier (1), Miguel (1), Peixoto, Rodrigo (2), Correia (3), Carlos (2) e Luís.

Continua na 5.ª página

Louváveis iniciativas do S. Bernardo

A par da actividade das suas equipas masculinas de andebol de sete, o S. Bernardo — vai já para três meses — iniciou os treinos da sua equipa feminina (a apresentar brevemente em público), que conta com vinte e duas praticantes.

Continua na pág. 5

Jogo amistoso demonstrou carência de rematadores

Beira-Mar, 0 — Acad. de Coimbra, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Sá Coelho, coajuvado pelos fiscais de linha srs. Eduardo Silva (bancada) e Joaquim Soares (Superior) — todos da Comissão Distrital de Aveiro.

As equipas, inicialmente, alinharam deste modo:

BEIRA-MAR — Jesus; Manecas, Quaresma, Sabu e Marques; Nelson Reis, Jorque e Quim; Simão, Germano e Abel.

ACADÉMICO — Helder; Brasfemes, José Freixo, Belo e Paulo Costa; Gervásio, Camilo e Rogério; Gregório, Joaquim Rocha e Costa.

Após o intervalo, houve — já que o encontro foi como que um treino para ambas as turmas — longa série de substituições, sem se atender ao limite (duas) previsto para jogos oficiais. Assim, ficaram nos balneários os aveirenses Jesus e Jorge, entrando, nos seus lugares, Rola e Cambraia (ex-Marialvas); e os arademicos Helder, Paulo Costa e Rogério, que deram a vez a Marrafa, Miguel e Freitas.

Mas não se ficou por aqui: por lesão, aos 4 m., Sabú (que contrauiu rotura na coxa direita), saiu do relvado, entrando Vítor I; e, aos 72 m., Quim cedeu o seu posto a Meireles — isto no Beira-Mar; no Académico, duma assentada, aos 57 m., José Freixo, Camilo e Joaquim Rocha foram para o banho, entrando

Continua na página 5

SUMÁRIO DISTRITAL

Começa este fim-de-semana a

I DIVISÃO

A Associação de Futebol de Aveiro marcou para o próximo domingo, dia 16, o início do Campeonato Distrital de Seniores — I Divisão — com uma jornada que incluirá os seguintes jogos (às 15 horas):

Valonguense - Cortegaça
Arouca - Cesarense
Estarreja - Luso
Fiães - S. Roque
Pampilhosa - Avanca
Nogueirense - Paivense
Esmoriz - Paivense
S. João de Ver - Ovarense

JUVENIS — I DIVISÃO

Resultados da 2.ª jornada

Espinho - Arrifanense	0-1
Sanjoanense - Recreio	2-1
Oliveirense - Cucujães	0-2
Feirense - Lusitânia	1-0
Valecambrense - Anadia . . .	3-0
Beira-Mar - Gafanha	1-2

Continua na 5.ª página

«TAÇA DE PORTUGAL»

A segunda eliminatória da primeira fase da «Taça de Portugal» proporcionou, nesta *repescagem* em que tomaram parte os grupos derrotados na primeira eliminatória, os seguintes resultados gerais:

LAMAS, 3 — OLIVEIRENSE, 1. Mondinense, 2 — PAÇOS DE BRANDÃO, 3. Freamunde, 4 — Cabeceirense, 0. Macedo de Cavaleiros, 3 — Maria da Fonte, 2. Famalicão, 4 — VALECAMBRENSE, 0. Lamego, 2 — Infesta, 1. Chaves, 4 — Tadim, 0. Leverense, 5 — ARRIFANENSE, 1. Ribeira de Pena, 2 — Paredes, 6. Monção, 3 — Vizela, 1. Régua, 1 — Avintes, 0. Penafiel, 2 — Perosinho, 1. Matrena, 2 — Alcobaça, 1 (após prolongamento, pois havia 1-1 ao fim dos noventa minutos). Peniche, 2 — Gouveia, 0. Lousanense, 4 — Nazarenos, 1. ALBA, 3 — Gonçalense, 0. Alcanenense, 3 — Ançã, 2. Marrazes, 1 — Condestável, 0. ANADIA, 6 — Febres, 2. Molelos, 0 — OLIVEIRA DO BAIRRO, 2. Sintrense, 3 — Covilhã e Benfica, 0. Viseu e Benfica, 0 — Eléctrico, 1. Tondela, 1 — Cartaxo, 2 (após prolongamento, pois havia 1-1 ao fim dos noventa minutos). Almeirim, 0 — Benfica e Castelo Branco, 1. Elvenses, 0 — Paio Pires, 1. Souselense, 0 — Beja, 1. Campomaiorense, 0 — Lusitano de Évora, 0 (após prolongamento). Alverca, 1 — Loures, 1 (empate que subsistiu após prolongamento). Alcochetense, 2 — União de Montemor, 0. Atlético de Reguengos, 1 — Desportivo de Olivais, 2. Vasco da Gama, 3 — Oriental, 0 (após prolongamento). Espe-

Continua na 5.ª página

Recomeço dos NACIONAIS

Depois do intervalo calendariado nas principais provas federativas, os Campeonatos Nacionais regressam no próximo fim-de-semana, havendo — no sábado e no domingo — os seguintes desafios nas competições em que participam turmas do nosso Distrito:

I DIVISÃO

ESPINHO-Portimonense, Boavista-Benfica, Varzim-Académico, Vitória de Guimarães-Braga, Belenenses-Vitória de Setúbal, Sporting-Estoril, Riopele-Porto e Marítimo-FEIRENSE.

Continua na pág. 5

PARQUE *de* CAMPISMO *da* COSTA NOVA

Foi há pouco constituída uma sociedade denominada PARQUE DE CAMPISMO DA COSTA NOVA que se propõe vultosas realizações, nos campos do campismo e do turismo, de muito interesse para a nossa região, mais precisamente, na vizinha praia da Costa Nova.

Numa primeira fase — cujos trabalhos terão início muito em breve — será implantado um parque de campismo, numa magnífica zona, a sul da Costa Nova, entre a Ria e o mar, na estrada para a Vagueira. A sociedade sinalizou já a compra dos terrenos, com uma área de 320 metros quadrados (na

Continua na pág. 5

América, América!

UMA CRÓNICA DO CAP. JOAQUIM DUARTE

3

A propósito do último apontamento sobre o futebol nos Estados Unidos, escrito como simples curiosidade e sem pretender entrar a fundo no assunto, por me escassearem elementos e também por negligência da minha parte, o Amigo José Fernandes, sempre atento, não deixou passar a «falha» e ei-lo que se apressou a escrever-me corrigindo alguns dados e acrescentando outros.

Há que agradecer a solicitude e dar à estampa a sua carta que, estamos certos, vai constituir mais uma achega para um melhor conhecimento do futebol dos Estados Unidos.

«Nas escolas jogam o futebol a sério e é por isso que eu digo que o futebol não pára mais na América. As equipas são formadas por 11 jogadores de cada lado. Os jogos que viu com 8 jogadores eram de simples treino, mais para manter a forma no defeso. Um torneio de Verão onde qualquer indivíduo podia inscrever a sua equipa. Nada mais.

A iniciação está lançada e está a ter muita aceitação. Neste momento, aqui em Bethlehem, está a disputar-se um torneio, organização de meia dúzia de «carolas» que envolve cerca de 1.500 miúdos, em que toma parte o meu neto (7anos) e o filho do Vasco (5). Os jogos têm lugar nos terrenos do «Lehig University», do género daqueles a que assistiu, donde ter surgido a confusão e ser levado a pensar que o futebol das escolas era aquilo! Aliás, não sei se se recorda de lhe ter dito que aquele torneio servia apenas para manter quem queria em actividade.

Mas vamos às escolas, que é nelas que eu baseio a minha opinião. Estas estão mais ou menos assim divididas: Elementat High School, até aos seis anos. Junior High School, dos 6 aos 9 anos e High School (Li-

Conclui na 5.ª página

MINI-BASQUETE NO GALITOS

Está marcado para as 15 horas de amanhã, sábado, o início dos treinos de mini-basquete do Clube dos Galitos — para jovens, rapazes e raparigas, dos 7 aos 12 anos.

As sessões de treino realizam-se no Pavilhão do Ciclo Preparatório, onde deverão comparecer os interessados em inscrever-se nas escolas dos alvi-rubros.

CONFRATERNIZAÇÃO DOS JOVENS GALITOS DE 1955-1956

Em 1 de Outubro corrente — e na sequência de encontros que vêm a efectuar-se há já sete anos — houve, nesta cidade, novo convívio-confraternização dos «jovens Galitos de 1955-56», que reuniu quase todos os basquetebolistas juvenis e juniores daquela memorável época desportiva, um punhado de valorosos desportistas que muito prestigiaram as cores do Galitos e, entre si, criaram laços de amizade indestrutível, com que sempre têm norteado as suas vidas, dentro e fora do Desporto.

E só não estiveram presentes todos — porque, infelizmente, a morte já ceifou quatro deles, em brutal e prematura afirmação da sua lei ine-

Continua na 5.ª página

PESCA

CAMPEONATO INTER-SÓCIOS DO RECREIO ARTÍSTICO

No prosseguimento do seu Campeonato Inter-Sócios, a Secção de Pesca da Sociedade Recreio Artístico levou a efeito, no penúltimo domingo a quarta prova, II de Molhes, disputada na Barra (Molhe Norte, Molhe Sul, Meia Laranja e Bico), que teve a presença de vinte e sete associados — vinte e quatro dos quais conseguiram capturar peixe.

A classificação ficou assim ordenada:

1.º — Benjamim Rei Albuquerque, 25.980 pontos. 2.º — José César Reis Rodrigues, 25.850. 3.º — José da Loura Peixinho, 22.380. 4.º — António Ferreira Duarte, 21.260. 5.º — José do Amaral Pedro, 17.540. 6.º — Jaime de Oliveira Gomes,

Conclui na 5.ª página

Início dos CAMPEONATOS NACIONAIS

Conforme oportunamente noticiámos, os campeonatos aveirenses de basquetebol deveriam ter início (em três escalões masculinos — seniores, juniores e juvenis) no próximo fim-de-semana, com jogos em 15 e 16 de Outubro.

No entanto, em consequência da Ovarense ter desistido das provas de seniores e de juvenis, houve necessidade de alterações de tomo nos respectivos campeonatos. Assim:

— Em SENIORES: a ronda inaugural, na noite de sábado, terá a prevista jornada em Ilhavo (Sangalhos - Sanjoanense e Illiabum — A. R. C. A.), com início às 21 horas, enquanto nesta cidade, se disputará apenas, às 21.30 horas, o jogo Beira-Mar — Esgueira (transferido para o Pavilhão Gimnodesportivo), ficando o Galitos «de folga», pela falta da Ovarense.

— Em JUNIORES: na tarde de amanhã, sábado, disputam-se os en-

Conclui na página 5